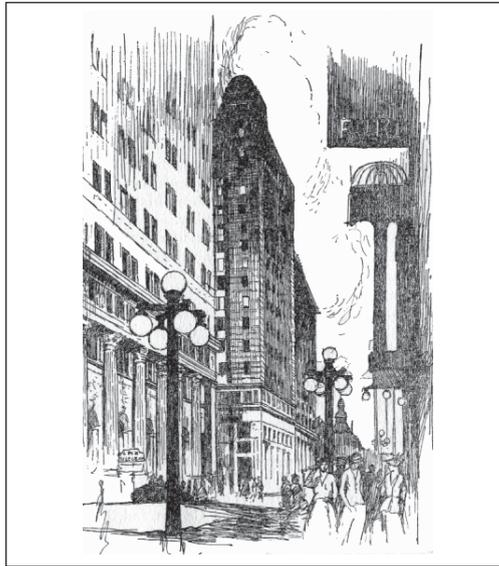


DE VITRINES E MULTIDÕES:
O NASCIMENTO DO ESPAÇO URBANO MODERNO

Luciana Nascimento

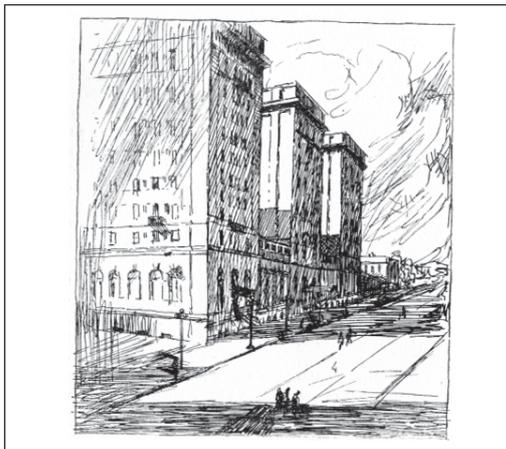


RESUMO: Este trabalho objetiva tecer algumas considerações sobre a cidade moderna do século XIX e suas imagens na literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade; Literatura; Modernidade.

ABSTRACT: This work intends some considerations of the modern city of the 19th century and her images on the literature.

KEYWORDS: City; Literature; Modernity.



© Jean-Philippe Blanc

A existência de núcleos citadinos não é um fenômeno apenas contemporâneo. Na verdade esses núcleos começaram a surgir quando o homem iniciou seu processo de sedentarização e de sociabilidade mais complexa. Esses primeiros núcleos tinham como origem a organização política, na Antiguidade, as questões religiosas e comerciais, na cidade medieval, e a industrialização, na cidade moderna. Podemos perceber, ao longo da História, que houve cidades nascidas com os cursos d'água e também fundadas pela expansão dos grandes impérios europeus: a configuração, as características e as funções das cidades organizadas pelo homem modificaram-se no curso do tempo e elas assumiram diversas imagens e facetas ao longo da História, nas diferentes sociedades.

O século XIX, marcado pelo signo da modernidade que já vinha sendo forjada desde o século anterior, é representado pela imagem do turbilhão (cf. BERMAN, 1988, p. 16), evidente nas representações do moderno neste século, atingindo todos os países do mundo. As cidades modernas representaram uma possibilidade de conhecimento e civilização. Prescindindo dos esquemas representativos da ordem antiga, a moderna *urbs* representa uma ruptura radical com tudo o que dizia respeito à ordem antiga, fazendo nascer o urbano como o conhecemos hoje.

Esta ruptura foi também concretizada na edificação e reforma das cidades, no uso que seus habitantes passaram a fazer do seu espaço e, também, pela utilização de novos materiais empregados nas construções que expressaram o binômio arte-técnica e demonstraram as incontáveis possibilidades de realização humana. Este binômio é muito bem representado pela imagem das exposições universais, que exibiram a combinação de novos materiais e o poderio industrial e burguês.

Dentre os novos materiais usados, podemos destacar o ferro e o vidro, que aparecem sob várias formas nas modernas edificações e artefatos. O ferro, quando fundido, é moldável, possibilitando a decoração das peças pré-fabricadas em série – escadas, painéis, balcões, grades etc. Ele também racionaliza a construção, substituindo os materiais tradicionais nas peças de sustentação e cobertura:

Com o ferro aparece, pela primeira vez na história da arquitetura, um material artificial. A isto subjaz uma evolução cujo ritmo se acelera no decorrer do século (...). Simultaneamente se amplia o campo de aplicação arquitetônica do vidro (BENJAMIN, 1985, p. 31-32).

A nova arquitetura metálica afirma-se como característica do estilo do século, tanto pela sua dimensão técnica e construtiva, nos edifícios, quanto por seus aspectos decorativos, nas vitrines – nova invenção do luxo industrial-burguês, harmonizando o ferro e vidro. Além disso, esses materiais apresentavam facilidades e vantagens econômicas para sua reprodução. O ferro, portanto, se inscreveu como uma matriz, que permitiu muitas reproduções. Seu uso expressou o encontro, nem sempre harmonioso, que marcou a época, ou seja, o encontro entre o engenheiro e o arquiteto, a beleza e a utilidade, anunciando um novo espaço urbano. Sobre esse encontro, observa Walter Benjamin quando discorre sobre a arquitetura do II Império Francês: “Começa a se impor o conceito de engenheiro, do engenheiro oriundo das guerras de revolução, começando então as lutas entre construtor e decorador, École Polytechnique e École des Beaux-Arts” (BENJAMIN, 1985, p. 31-32).

Já o uso do vidro, na vitrine, em consonância com o ferro, representou uma nova perspectiva para a arquitetura urbana moderna. Esta última teve como preocupação

primordial as partes interna e externa do ambiente. O vidro evidencia a fluidez e a visibilidade da imagem e do espaço, conferindo um poder de exposição e exibição às vitrines, às exposições universais e às galerias surgidas neste fim de século:

As tensões interior/exterior ficam aqui aguçadas pelo caráter diáfano do vidro. Curiosa ironia dos materiais: ao contrário dos muros de pedra, dos gonzos de ferro, dos postigos maciços, a vitrine é a maneira mais cínica através da qual o luxo se deixa entrever, assinalando ao mesmo tempo, seu preço e seu dono (HARDMAN, 1988, p. 37).



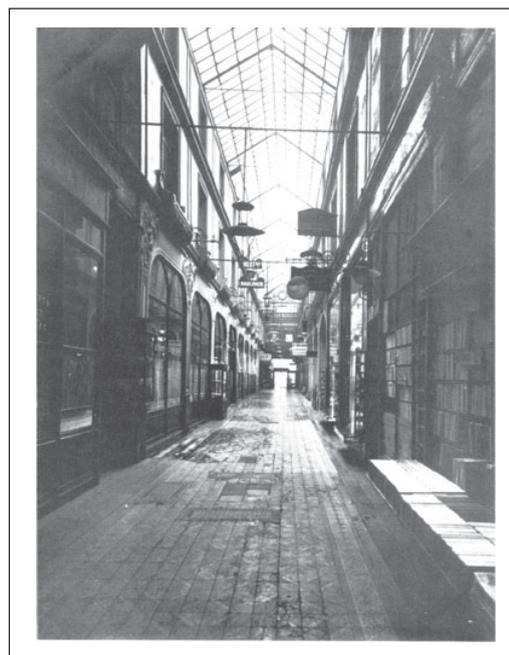
Divulgação

Walter Benjamin (1892-1940)

Essa união entre o vidro e o ferro configura um caráter funcional, monumental e simbólico à arquitetura moderna, muito bem representado nas imagens das galerias e das exposições universais, verdadeiros cenários das mercadorias de luxo, onde a burguesia exhibe a força de seu armamento, ou seja, o poder do capital. Foram esses “verdadeiros centros de peregrinação ao fetiche mercadoria, que uniram o capital, a arte e a técnica, inspirados no ideal saintsimoniano de aliança dos povos” (BENJAMIN, 1985, p. 35), que caracterizou o cosmopolitismo, a difusão de idéias, formas e produtos industriais, inaugurando um novo imaginário social e transformando a mercadoria em fetiche (SENNET, 1988, p. 35).

As galerias representaram, segundo Benjamin, a possibilidade de eternizar as exposições universais (cf. ASA BRIGGS *apud* BRESCIANI, 1985, p. 43). Em Paris, foi a crença na perenidade da indústria, do comércio de tecidos, do capital e da tecnologia que norteou a edificação de verdadeiros templos de consumo, o que proporcionou o surgimento e a rápida expansão das galerias de comércio, a partir de 1822. Um *Guia Ilustrado de Paris* assim descreve as galerias:

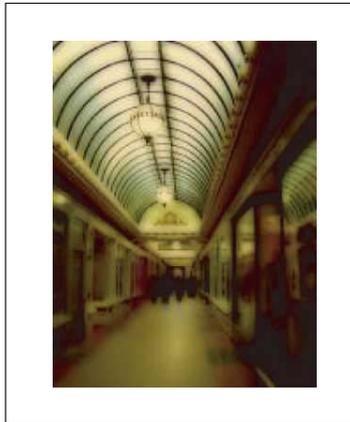
[As galerias são uma] nova invenção do luxo industrial, são vias cobertas de vidro e com o piso de mármore, passando por blocos de prédios, cujos proprietários se reuniram para tais especulações. Dos dois lados dessas ruas, cuja iluminação vem do alto, exibem-se as lojas mais elegantes, de modo tal que uma dessas passagens é uma cidade em miniatura, é até mesmo um mundo em miniatura (BENJAMIN, 1985, p. 30-31).



© Dominique Lisi

O espaço urbano deixou de ser apenas um conjunto de edificações, passando a significar a união da beleza e da funcionalidade. A predominância da cidade

sobre o campo (BENJAMIN, 1985, p. 34) vai colaborar na determinação de um novo modo de vida das populações – “a cidade era, sem dúvida, o mais impressionante símbolo exterior do mundo industrial”, como afirmou o historiador inglês Eric Hobsbawm (1977, p. 221). Nesse novo espaço, outra literatura entra em cena: a literatura panorâmica, produzida pelo “flâneur”, o artista deambulante. O panorama é, inclusive, um dos símbolos desta nova situação:



© Sam Mongoit

Mesmo do ponto de vista social, essa [nova] literatura é panorâmica. (...) Os panoramas anunciam uma revolução no relacionamento da arte com a técnica e são ao mesmo tempo, a expressão de um novo sentimento de vida. (...) Nos panoramas, a cidade se abre em paisagem [também] para o flâneur (BENJAMIN, 1985, p. 33-34).

É, portanto, o artista deambulante quem vai captar a cidade subterrânea, entrecortada por múltiplas imagens, tanto do luxo como das mazelas sociais, como podemos observar nesta passagem de Dostoiévski:

Percorri a perspectiva, fui ao jardim, errei através do cais, e não vi sequer um dos rastros que encontrava habitualmente nesses mesmos locais. Na paisagem dos arredores de Sampetersburgo quando à aproximação

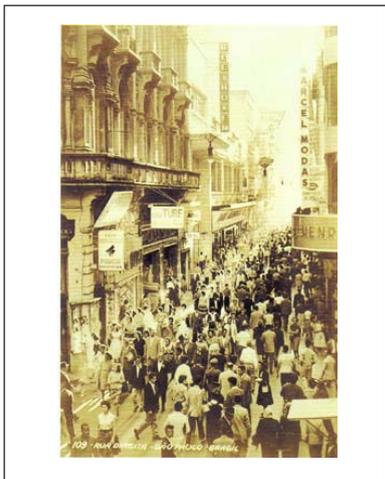
da primavera, manifestando subitamente toda a sua violência, todas as forças que recebeu do céu, se cobre de viçosa verdura (...). Regressei muito tarde à cidade (...). Na realidade moro num bairro bastante afastado. Caminhava cantando (...). Num recanto estava uma mulher. A rapariga caminhava apressadamente (...) [um] sujeito cambaleante (...) desatou a correr em perseguição de minha desconhecida (DOSTOIEVSKI, 1988, p. 6-12).



Em Oscar Wilde, também é possível observar a mesma percepção da vida urbana com todas as suas contradições:

Estava eu, numa tarde, sentado no terraço do Café de la Paix, observando o esplendor e a miséria da vida parisiense, e meditando, diante do meu vermute, no estranho panorama de orgulho e de pobreza que desfilava à minha frente... (WILDE, 1988, p. 17).

Durante o século XIX, o crescimento urbano mundial sofreu um processo sem volta. A população mundial, de um modo geral, cresceu de maneira significativa no campo, mas, principalmente, nas cidades. A industrialização exerceu um duplo papel na movimentação da população que crescia nas cidades: determinou a expulsão dos lavradores do campo, em razão da concentração de propriedade, da produção em larga escala e da relativa mecanização da lavoura, fazendo com que as cidades exercessem uma forte atração sobre as pessoas.



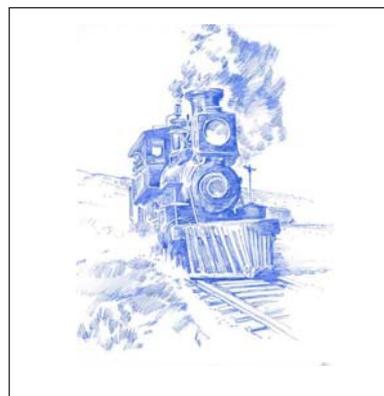
O espaço deixa de estar em conformidade com quem o habita em virtude da perda da identidade e dos elos comuns que antes uniam os homens a uma tradição cultural. A afluência de pessoas à cidade vai instaurar, neste século, um fenômeno inusitado, o surgimento da multidão. Pelo seu caráter de incontornabilidade, a multidão comporta, contraditoriamente, a produtividade e a violência, o fascínio e o medo. É a “massa compacta, local de múltiplas trocas, individualidades que se fundem” (FOUCAULT, 1997, p. 177). Maria Stella Bresciani ressalta que “as multidões das cidades parecem surgir do nada no último quartel do século XVIII para ocuparem as fábricas e o espaço público como operários e povo” (BRESCIANI, 1994, p. 11) e seus antecedentes remontam à turba comandada pelos demagogos em Atenas e Roma.

A cidade, a partir de então, passou a configurar o local de exibição e fluxo ininterrupto de pessoas, convertendo-se em vitrine a seduzir quem a atravessa, como nos mostra Baudelaire em seu poema “A Uma Passante”:

A rua em torno era um frenético alarido.
Toda de luto, alta e sutil, dor majestosa,
Uma mulher passou, com sua mão
suntuosa
Erguendo e sacudindo a barra do vestido.
(BAUDELAIRE, 1995, p. 179).

Através da passante, o poeta insinua a figura urbana dos olhares que se cruzam na multidão, o olhar momentâneo da mulher que se exhibe na multidão do bulevar. Ao lado do binômio cidade-multidão, encontramos, ainda, outras imagens emblemáticas do advento do moderno – a estação e o trem-de-ferro – que vão compor a nova paisagem cidadina:

O trilho se torna a primeira peça montável de ferro, sendo precursor da viga de sustentação. Evita-se o ferro nas moradias, mas ele é empregado nas galerias, salas de exposições e estações de trem – construções que serviam para fins de trânsito (BENJAMIN, 1985, p. 32).



© Vince Russum

O trem-de-ferro significou a possibilidade de transporte muito mais rápido e em grande quantidade de homens, matérias-primas e alimentos para abastecer as cidades. As estações se convertem em vitrines, teatros de exibição e catedrais do século XIX, lugar de afluência das multidões, e se revestem de um valor simbólico e pragmático. Elas faziam circular mais rapidamente as idéias, a cultura e as mercadorias. O trem-de-ferro teve sua imagem – aparição fugaz – recorrentemente apropriada pelas artes em geral e pela literatura. Sua presença é construída nas narrativas de viagens, nas imagens fugidias de narradores que invocam um novo referencial ótico, já que muitas vezes

encontram-se em movimento, dentro de um trem, observando a paisagem dos caminhos de ferro, fragmentando-se enquanto sujeitos em movimento (HARDMAN, 1988, p. 36). Apesar de toda a expansão e evolução da tecnologia, o crescimento urbano foi repleto de contradições, apresentando um lado perverso e caótico, que, com o crescente aumento das populações, acarretava falta de moradia, problemas de abastecimento de água, falta de esgotos e a decorrente insalubridade. O aumento da pobreza e da miséria ameaçava a “paz social” da burguesia, que passou a ver os segmentos sociais mais pobres como uma “classe perigosa” (CHALHOUB, 1996, p. 8), que precisava ser domesticada. Essa visão burguesa é uma marca perversa da pólis gerada pela modernidade. No dizer de Foucault:

O desenvolvimento das cidades, o aparecimento de uma população operária pobre que vai tornar-se, no século XIX, o proletariado, aumentará as tensões políticas no interior da cidade (...) [ocorre] uma espécie de afrontamento entre rico e pobre, plebe e burguês, que se manifesta através de agitações e sublevações urbanas cada vez mais numerosas e freqüentes (FOUCAULT, 1996, p. 86).

Laboratório das novas formas sociais inventadas, as cidades profundamente modificadas pela industrialização enfrentam a necessidade de uma reelaboração radical de sua imagem e, para ordenar essa situação de caos, necessitam de reformas, planejamentos e construções. São estas as palavras de ordem para modernizar e modificar o espaço urbano, cada vez mais desordenado e confuso.

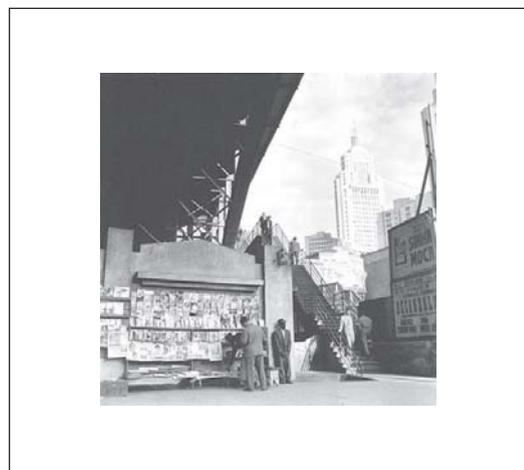


Planejamento do espaço urbano: Paris no século XIX

A urbanística de fins do século XIX apresentou-se como uma ciência¹ que pretendeu solucionar os problemas das cidades atormentadas pela insalubridade e pelo inchaço populacional. Com medo de que o agravamento das mazelas urbanas conduzisse a uma situação de ingovernabilidade, o poder interagiu no espaço das metrópoles com o intuito de controlá-lo. Outro esforço ordenador foi a cidade “planejada no papel”. Segundo Angel Rama, tal plano urbanístico, moldado por uma concepção racional, fez das cidades planejadas um sonho de ordem transposto para o papel (RAMA, 1985, p. 27-28). No mais das vezes, estes projetos não corresponderam à realidade efetivada. Nesse sentido, trata-se de um urbanismo utópico, de uma cidade “pensada”, ou seja, desenvolvida pela apropriação de correntes filosóficas do pensamento. Tal apropriação tinha o intuito de moldar uma sociedade “ideal”, estabelecendo uma “ordem social” adaptável ao novo meio urbano, recusando-se a barbárie e o “atraso” da cidade medieval. É a negação das antigas cidades, consideradas anacrônicas para a nova ordem social, o que leva o poder a adaptar esse espaço para atender à nova organização humana, empreendendo as famosas reformas.



© Claudio Perez



© Luis Nunes Oliveira

Essa nova concepção de espaço urbano decorre, então, de mudanças profundas que alteraram o pensamento da humanidade. A idéia do coletivo medieval cede lugar ao individualismo moderno. A moradia e a produção coletivas são substituídas pela indústria, sob o princípio do trabalho fragmentado, e a moradia, passou a ser destinada a cada família, de acordo com o espaço que ela ocupa na sociedade. Sem dúvida, as cidades de ontem nos dizem muito das cidades de hoje, espaços do “avesso do avesso do avesso”, do *stress*, da fragmentação e da *bricolage*.

T & M

Texto recebido em julho de 2005.

Aprovado para publicação em setembro de 2005.

NOTA

1. A palavra *urbanismo*, de acordo com Françoise Choay, consagra o aparecimento de um discurso específico sobre o urbano (Choay, 1994, p. 13).

SOBRE A AUTORA

Luciana Marino do Nascimento é Doutora em Teoria e História Literárias pela Universidade Estadual de Campinas. Professora Adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal do Acre. Endereço eletrônico: luciana@ufac.br.

REFERÊNCIAS

- BAUDELAIRE, Charles. **Obra poética**. Trad. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- BENJAMIN, Walter. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1985.
- BERMAN, Marshal. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- BRESCIANI, Maria Stella. "As cidades modernas: faces do monstro urbano". **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 8, 1994.
- CHALHOUB, Sidney. **A cidade febril**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CHOAY, Françoise. **O urbanismo**. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- HARDMAN, Francisco Foot. **Trem fantasma: a modernidade na selva**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1994.
- . **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- NASCIMENTO, Luciana. **A cidade de papel**. Varginha: Alba, 2000.
- RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- WILDE, Oscar. **Contos de natal**. São Paulo: Biblioteca de Ouro, 1988.

UNIOESTE

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

REVISTA TEMAS & MATIZES

Versão eletrônica disponível na internet:

www.unioeste.br/saber